RELAÇÕES E AVANÇOS ENTRE A LINGUÍSTICA APLICADA E O HISPANISMO NO BRASIL

RELATIONSHIPS AND ADVANCES BETWEEN APPLIED LINGUISTIC AND HISPANISM IN BRAZIL

Antonio Ferreira da Silva Júnior[1]
[https://orcid.org/0000-0002-2161-4517]
DOI: https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.11838

RESUMO: Existe um debate no âmbito do Hispanismo brasileiro em relação a como as pesquisas dos estudos hispânicos se inserem ou não no fazer científico da Linguística Aplicada (LA). Desde a publicação de algumas reflexões de Paraquett (2009, 2012, 2020), ocorreu certo deslocamento e compreensão do papel do linguista aplicado, da ausência de pesquisas envolvendo a língua espanhola e a LA e dos desafios dessa relação. Por meio de uma pesquisa de revisão bibliográfica e documental, propomos neste artigo questionar o conceito de Hispanismo e a representação acadêmica de sua Associação de pesquisa, a evolução da LA e o papel da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) no desenvolvimento da área. Com isso, queremos verificar a possibilidade de integração entre a LA e as pesquisas na área de espanhol, questionando se esse diálogo ocorre desde o âmbito da Pós-graduação. Constatamos a necessidade de encorajar novos pesquisadores a se aproximarem da LA e tentar alinhar seu trabalho às novas perspectivas teóricas e metodológicas desse campo científico, colaborando assim para o crescimento de pesquisas em LA e espanhol. Advertimos para a necessidade de revisão da Associação de pesquisa do Hispanismo para novos compromissos e pautas tomando como referência o trabalho desenvolvido pela ALAB.

Palavras-Chave: Linguística Aplicada; Hispanismo; Associações de pesquisa; Pós-Graduação.

ABSTRACT: There is a discussion within the context of Brazilian Hispanism in relation to how the research of Hispanic studies are inserted or not in scientific works related to Applied Linguistics. Since the publication of some reflections about it by Paraquett (2009, 2012, 2020), a displacement occurred in comprehension about the role of Applied Linguistic, the absence of research involving Spanish Language and Applied Linguistic and the challenge of this relationship. Through bibliographic review and document research this article discusses the concept of Hispanism and the academic

[1] Doutor em Letras Neolatinas pela UFRJ e Pós-Doutor em Linguística Aplicada pela PUC-SP e em Educação pela USP. É professor de Língua Espanhola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando no Colégio de Aplicação e no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Faculdade de Letras. E-mail: afjrespanhol@gmail.com

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 - 333 | set/dez 2020

representation of its research association, the Applied Linguistics evolution about research related to Spanish Language, questioning whether this dialogue occurs in the scope of graduate studies. We verify the need to encourage new researchers to get closer to Applied Linguistics and try to align their work to the new theoretical and methodological perspectives of this social science, contributing to the growth of researches in Applied Linguistics and Spanish Language. We advert the need to review Hispanism Research Association in order to promote new commitments based on the work developed by the Brazilian Association of Applied Linguistics.

Keywords: Applied Linguistics; Hispanism; Research associations; Post-graduation.

Introdução[2]

Até a consolidação da reforma universitária de 1968 (BRASIL, 1968), os projetos pedagógicos dos cursos superiores de Letras/Espanhol no Brasil tiveram seus currículos pautados em modelos formativos vinculados à Espanha, trazendo para as universidades brasileiras práticas pedagógicas e de pesquisa decorrentes do que se considerava como correto e importante de ser investigado em determinado momento da história. Aliado a isso, as primeiras instituições brasileiras de ensino superior a oferecer cursos de graduação em Letras Neolatinas – a partir de 1939 (BARRETO, 2013) – careciam de massa crítica e referencial teórico nacional para pensar questões específicas relacionadas ao ensino de espanhol[3] no Brasil e metodologias ou abordagens próprias para a aprendizagem da língua em um país lusófono. Portanto, era mais cômodo adotar práticas e referencias curriculares do país considerado por muito tempo como único berço da língua espanhola. Além da facilidade, às vezes, tais aportes eram os únicos a que tinham acesso os formadores de professores naquela época.[4]

Diante do exposto, por um longo tempo, os estudos hispânicos desenvolvidos por pesquisadores das universidades do Brasil tiveram como maior foco os estudos literários, os estudos descritivos preocupados com certas categorias gramaticais da língua, os estudos de fonética, fonologia e de variação linguística. Tal cenário constituiu a área do Hispanismo brasileiro, aproximadamente, até o início da década de 1980, quando surgem as primeiras Associações de professores de espanhol nos estados. Com isso, não queremos dizer que tais pesquisas não foram importantes para o crescimento da área ou que deixaram de ser produzidas, mas sim exemplificar como foi tardio o processo de abertura do campo dos estudos hispânicos do Brasil a conceitos e modelos formativos existentes na América Latina, algo que buscamos hoje na educação linguística

2 Agradeço a leitura atenta e os comentários da Professora Dra. Gretel Eres Fernández (USP) a este artigo.

3 De acordo com Barreto (2013), somente em 1961 tem-se o primeiro registro da habilitação específica do curso de Letras em Português/Espanhol no Rio de Janeiro.

4 Em artigo que propõe uma divisão do Hispanismo em quatro ondas geracionais, Paraquett (2020, p. 16), ao comentar sobre a primeira onda (De Antenor Nascente às Licenciaturas em Letras Neolatinas), vai expor a fragilidade da formação em línguas estrangeiras recebida pelos estudantes dessas Licenciaturas e afirma que os professores formadores dessa época estavam mais vinculados à "Europa do que à América Hispânica". Além disso, esses cursos acabaram privilegiando "profissionais estrangeiro(a)s ou profissionais brasileiro(a)s habilitado(a)s no exterior".

decolonial.[5] O único centro formativo levado em consideração foi a Espanha ao longo da formação de muitas gerações de professores de espanhol no Brasil, conforme aponta Paraquett (2020). Com isso, é válido afirmar que o currículo dos cursos de Letras/Espanhol em nosso país reproduziu crenças que, ainda hoje, lutamos para desconstruir em nossa tarefa como formadores. Defendemos a hipótese de que no Hispanismo brasileiro isso pode ter acontecido ao longo de tanto tempo pela falta de articulação e aproximação com outras formas de pensar a linguagem em junção aos interesses temáticos dessa área de investigação.

Já no âmbito da didática da língua espanhola, as discussões também chegaram tardiamente. De acordo com Paraquett (2009, p. 128), somente em torno de 1970, época remota se comparamos o desenvolvimento da Linguística Aplicada (LA) e o ensino do inglês – aspecto que vamos tratar mais adiante – o ensino de espanhol tem acesso às primeiras ditas inovações metodológicas e de cunho científico:

> [...] pois pela primeira vez nos chegavam manuais que vinham da Espanha e que nos davam a ilusão de que estaríamos conectados com o que se produzia de mais novo e moderno na Europa. Eram ilusões, sabemos hoje, mas essa era a sensação que tivemos muitos daqueles que nos encontrávamos dando aulas de espanhol no ensino fundamental, médio ou mesmo na formação de professores.

A formação de professores de espanhol até os anos de 1980 estava preocupada com as metodologias de ensino, no ensino da gramática oriunda dos padrões linguísticos estabelecidos pelos escritores canônicos da língua, da pronúncia correta e dos padrões entonacionais da categoria de falante nativo da variedade peninsular. A ruptura com esse prisma formativo avança na década de 1990 com as descobertas da sociolinguística do espanhol e de inovações metodológicas decorrentes da abordagem comunicativa e o atendimento das necessidades linguísticas do aprendiz. Além disso, nota-se um crescimento do Hispanismo brasileiro nos anos 2000 com a fundação da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH)[6] e uma maior aproximação à LA por parte dos hispanistas do país. Cabe uma ressalva que, na oferta dos cursos de Letras/Espanhol no Brasil, sempre foi muito carente ou nula a discussão sobre LA na Licenciatura, o que acabou sendo um contrassenso, porque, segundo Eres Fernández (2013, p. 135):

> [...] a formação de professores não deveria perder de vista a realidade na qual esses docentes atuarão. Torna-se importante, nesse sentido, que ao longo do processo de formação docente as discussões referentes ao ensino e aprendizagem de língua estejam sempre vinculadas ao contexto e à realidade em que ele atuará e que se contemplem as diferentes facetas e particularidades desse contexto já que ele é uma amostra significativa da comunidade na qual o aluno se insere.

Claramente, o pensamento de Eres Fernández (2013) nos leva a refletir sobre a relação entre o trabalho do futuro professor e as demandas da sociedade, pauta que

---

5 Conforme Paraquett (2020, p. 20), somente a partir da edição de 1997 do VII Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol (Minas Gerais) tem-se um movimento de maior reflexão e de "grito de independência com relação à Espanha" no tocante ao ensino de espanhol no Brasil.

6 O artigo de Paraquett (2020, p. 24) celebra os vinte anos da ABH recuperando sua inserção no Hispanismo e suas transformações no decorrer das gestões. A pesquisadora destaca o período entre 2008-2010 como o responsável por um Hispanismo "menos literário e mais plural", pois, pela primeira vez, o cargo de vice-presidente da diretoria era ocupado por uma investigadora da área de Estudos da Linguagem.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 – 333 | set/dez 2020

muito tem a contribuir a LA na formação de educadores comprometidos com a realidade e sua transformação. A discussão sobre a história da LA e seus pressupostos teórico-metodológicos, quando presente, esteve limitada aos estudantes e pesquisadores da Pós-graduação, o que aponta mais uma carência nessa aproximação entre a LA e o Hispanismo brasileiro[7]. O tempo passou, mas parece que esse hiato ainda não se resolveu em alguns currículos e propostas pedagógicos de nosso país, o que nos leva a querer trazer essa discussão para este artigo em uma edição que repensa o papel da LA nos trinta anos de existência de sua Associação.

Optamos por iniciar este texto com essa problematização para exemplificar o motivo do distanciamento que, ainda hoje, presenciamos entre o Hispanismo brasileiro e a área de LA. Outras razões também podem ser apontadas na tentativa de compreender como nós, pesquisadores da área de ensino do espanhol, nos aproximamos ou afastamos no decorrer do tempo da LA[8]. Fato é que essa separação não foi intencional, mas sim demorada e representou um atraso e, talvez, uma estagnação nas publicações de nossa área, aspecto que estamos tentando recuperar ao se atentar para novas demandas, contextos, vozes e interesses de estudo.

Neste artigo de natureza bibliográfica, a partir de uma revisão da literatura e análise documental de textos[9], pretendemos problematizar a abertura do Hispanismo para o diálogo com a LA, analisando as semelhanças e as diferenças entre suas Associações de pesquisa. Interessa-nos verificar a contribuição da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) no desenvolvimento das pesquisas na área de espanhol e como a discussão mencionada se insere no âmbito da Pós-graduação. As seções a seguir tentam dar conta dos objetivos que elencamos anteriormente.

1. O Hispanismo brasileiro e sua Associação de pesquisa

O Hispanismo define-se, segundo a ABH.[10] como área interessada em pesquisas que abarcam as literaturas espanhola e hispano-americana, a língua espanhola, a história, as artes e a cultura dos países de língua espanhola, portanto, desde sua concepção, a área de estudos hispânicos no Brasil já nasce com forte potencial multi/transdisciplinar. No entanto, na prática, esse campo acabou restringindo-se a estabelecer poucos diálogos, no que diz respeito ao início das pesquisas em ensino de línguas. Mas o que define uma Associação de pesquisadores e qual sua implicação nas pesquisas de uma área? De acordo com Demo (2008, p. 25), o associativismo

7 De acordo com Paraquett (2020), a segunda onda do Hispanismo (Da Licenciatura dupla – Espanhol – à fundação das Associações de Professores de Espanhol) acabou não se preocupando muito com a associação entre pesquisa e ensino, já que suas discussões acabaram centradas no ensino superior e nos estudos literários. Esse cenário começa a mudar com a terceira onda (da fundação da ABH à revogação da lei do espanhol em 2017).

8 A presença de linhas de pesquisa que relacione LA e ensino de espanhol ainda é recente em muitos cursos de pós-graduação em Letras no país (PARAQUETT, 2020).

9 Reconhecemos a natureza limitada da pesquisa bibliográfica e documental adotada nesta reflexão. Com isso, também não é nosso objetivo criticar certos silenciamentos apontados entre a LA e a área de ensino de espanhol, mas sim possibilitar uma maior integração entre esses campos investigativos em estudos futuros.

10 Conforme informações que constam na página institucional https://www.hispanistas.org.br/. Acesso: 15 abril 2020.

> [...] aparece na cena tanto como forma de saber pensar criticamente a realidade quanto como estratégia de implantação concreta do controle democrático, de tal sorte que os serviços públicos sejam realmente serviços e públicos e que o mercado se oriente pelo bem comum, mais do que o lucro. As pessoas se organizam coletivamente porque percebem criticamente sua condição histórica e que é possível mudar, desde se que conjugue a devida competência para dar conta da elite poderosa e acostumada a privilégios.

Segundo o educador, a ideia de agrupar pessoas e propor transformações políticas, econômicas, sociais, culturais e educacionais responde ao compromisso da noção de associação de indivíduos na procura por valores comuns e democráticos. Ao compreender as associações de pesquisadores, que reúnem em primeiro lugar professores, como espaços de mudança do cenário educacional e de livre respeito à pluralidade de percepções, Demo legitima o papel social dessas organizações no fazer científico e pedagógico. Também conforme Cardoso (2017, p. 32), apesar de tratar de outro tipo de Associação, pois ela reflete a respeito dos múltiplos papéis das Associações de professores, cabe a essas organizações uma preocupação com diferentes tipos de docentes e suas demandas:

> [...] incentivar a colaboração e defender os interesses em comum, educação em relação ao desenvolvimento desses professores, estando eles em início de carreira ou sendo mais experientes, isso para atingir uma transformação social, incluindo aí a representação perante os governos e sistemas educacionais.

Talvez a preocupação com a Educação Básica e o desenvolvimento da carreira do professor não seja a tônica de algumas Associações de pesquisa existentes da área de Letras. Cardoso (2017) aponta como primordial o encontro de Associações de professores com diferentes propósitos e línguas estrangeiras para a troca de conhecimento e experiências em prol de políticas e direitos mais igualitários para a educação linguística de nosso país. Não que essa tarefa seja fácil de concretizar, tendo em vista o cenário de desmonte da educação pública em todos os seus níveis, contudo, pode ser uma alternativa para ampliar as discussões e expandir nossas demandas por diferentes esferas e círculos. Também pode ser um caminho para a ressignificação do trabalho desenvolvido por algumas Associações de pesquisadores, como a própria ABH.

Diferentemente da ALAB, sobre a qual ainda vamos apresentar uma breve contextualização e delinear sua importância para a área de línguas, a concepção inicial da ABH nasceu no final do ano de 1999 no VIII Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol, originalmente, idealizada, por pesquisadores da área dos estudos literários que tinham como ponto comum o fato de serem docentes ou terem sido egressos do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). De acordo com Paraquett (2009), membro sócio-fundadora da ABH, o grupo decidiu pela fundação da Associação, porque existia um espaço ocioso relativo à pesquisa em língua espanhola e sua literatura. Além disso, afirma que a ideia não seria substituir o lugar ocupado pelas Associações de professores de espanhol e o protagonismo de seus congressos, mas sim dar mais "visibilidade às muitas pesquisas que já realizávamos no Brasil e, sobretudo, para dar nosso grito de independência em relação à Espanha" (PARAQUETT, 2020, pp.19-20).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 - 333 | set/dez 2020

A fundação ocorreu no dia 11 de outubro de 2000 em assembleia realizada no I Congresso Brasileiro de Hispanistas, ocorrido na Universidade Federal Fluminense (UFF). Historicamente, as primeiras diretorias da ABH eram constituídas por pesquisadores da área de literaturas, o que acabava reunindo, nos primeiros congressos, muitos trabalhos interessados em escritores de língua espanhola. Além disso, uma avaliação que fazemos é que a associação se fechou em si mesma ao não permitir que qualquer professor se associasse, pois para atuar como membro, fundamentalmente, somente eram permitidos aqueles vinculados ao hispanismo brasileiro e que fossem, no mínimo, alunos de programas de Pós-graduação *stricto sensu*. Tal composição e o texto de seu estatuto acabaram na prática distanciando os professores de espanhol da Educação Básica das pautas, das discussões teóricas e das reivindicações da ABH. Muitos docentes e pesquisadores não vinculados a programas de formação continuada acabaram encontrando espaço nas associações[11] de professores de seus respectivos estados, o que é muito importante para as conquistas políticas diante do impasse de alguns programas educacionais e públicos. No entanto, normalmente, essas associações enfrentam problemas de diferentes ordens para a continuidade do seu trabalho, além do mais, elas não se caracterizam como associações de pesquisadores, apesar de contribuírem e organizarem atividades de formação docente e em outros âmbitos de diálogos como, por exemplo, a própria ALAB.

A não abertura da ABH no início de sua organização e fundação para um diálogo interdisciplinar com pesquisadores de outras línguas estrangeiras – mais um aspecto que a difere da ALAB – ocasionou uma migração de pesquisadores hispanistas que passaram a não encontrar espaço de trocas nos congressos da área e, por isso, buscaram interlocuções em eventos da Linguística, Linguística Aplicada, Análise do Discurso e Educação, somente para citar algumas possibilidades de intercâmbio.

Sobre o papel da ABH, apesar de ser um local fundamental para visibilizar a pesquisa realizada no país, Paraquett (2009, p. 135) chega a questionar a forma como se organiza a Associação e apresenta alguns de seus problemas:

> Lamento dizer que até o momento não vejo muito resultado neste sentido. Não há, por exemplo, uma página virtual onde se encontre o resultado das pesquisas que se realizam nas já muitas universidades brasileiras com cursos de pós-graduação. Limitamo-nos, até o momento, a produzir a memória de nossos congressos em forma de anais de difícil manejo e de alto valor financeiro.

Inclusive, por defender a pesquisa em LA em suas últimas publicações acadêmicas, Paraquett sempre deixou evidente a dificuldade de aproximação por parte de hispanistas vinculados a linhas de ensino e de estudos sobre o discurso em coadunar pesquisas e eixos teóricos nos eventos de espanhol, tendo em vista as novas demandas do mundo contemporâneo e dos usos da linguagem. De acordo com a pesquisadora, a LA pode ser compreendida como

> [...] uma ciência interdisciplinar que se preocupa com problemas de uso de linguagem. E muitos dos pesquisadores brasileiros nos dedicamos a compreender os problemas

[11] Segundo Paraquett (2020, p. 20), a fundação das Associações de professores de Espanhol, a partir de 1981, possibilitou "um fluxo mais visível na busca pela pós-graduação no Brasil".

> de linguagem que são vividos em contexto formal e regular de aprendizagem de língua materna ou estrangeira, o que nos leva a produzir uma literatura que vem contribuindo para que a sala de aula funcione de maneira mais democrática e comprometida politicamente. (PARAQUETT, 2009, p. 124).

Diante disso, segundo Paraquett, pelo caráter interdisciplinar da LA, não faz sentido uma Associação como a ABH fechar-se em si mesma, porque da forma como ela se organiza os resultados das pesquisas produzidas acabam não circulando fora do eixo dos estudos hispânicos. Portanto, a própria pesquisadora se questiona:

> Penso, e desculpem se me equivoco, que este modelo de congresso que estamos seguindo perde seu lugar. Está certo que nos organizemos em associações, mas é preciso pensar em novos modelos de debate que permitam que dialoguemos com especialistas de outras línguas. (PARAQUETT, 2009, p. 136).

Dos dez congressos já realizados pela ABH, percebemos avanços e uma maior abertura para as pesquisas na área de ensino e de formação de professores, principalmente nas últimas edições do evento12, apesar de sempre existir nos congressos da ABH um descompasso entre o número de comunicações de literatura e língua, já que a quantidade de propostas de literatura sempre foi superior, isso pelo menos até o congresso de 2008 (PARAQUETT, 2012). Em relação às áreas temáticas dos congressos, o próprio site vigente da Associação não detalha com clareza as linhas de trabalho dos sete primeiros encontros13 realizados. A informação consta somente a partir da edição de 2006 em que a ABH divide os estudos linguísticos14 – foco de nosso interesse nesta discussão – em dois blocos. A seguir, ilustramos com a nomenclatura proposta pela edição de 2014 do congresso em que inaugurou também o "Fórum de Pesquisadores da ABH", espaço para encontro de estudiosos de temas afins:

> **Estudos de linguagem:** descrição e funcionamento de línguas do universo hispânico. Estudos discursivos e textuais. Perspectivas comparativas. Processos de aquisição. Contato linguístico. Estudos tradutórios relativos às línguas do universo hispânico.
>
> **Ensino de línguas:** educação linguística em línguas do universo hispânico. Diversas tendências teóricas e sua relação com o ensino/aprendizagem e com a educação

12 Cabe ressaltar que as últimas diretorias da ABH passaram a constituir grupos com maior participação de hispanistas que se aproximam à LA ou se nomeiam como pesquisadores dessa área. Desde a gestão de 2010-2012 em que presidente e vice-presidente são da área dos Estudos da Linguagem e das Políticas Linguísticas, respectivamente, ocorre uma maior aproximação da ABH ao campo de debate da LA. Segundo Paraquett (2020, p. 24), "a ABH passa a ser uma associação que alberga pesquisadore(a) s que colocam sua atenção na escola, dando resposta à luta política, iniciada na segunda onda".

13 O site disponibiliza os Anais de algumas edições do Congresso, no entanto, as primeiras não detalhavam os estudos linguísticos conforme proposta atual: estudos de linguagem e ensino de línguas. Não é interesse deste artigo fazer um mapeamento dos temas e classificar as linhas teóricas em maior expressão. Para isso, recomendamos a leitura de Soto (2004) e Paraquett (2012) sobre a pesquisa em língua espanhola e os estudos linguísticos.

14 Essa nomenclatura não é unânime em todas as edições do congresso. A edição de 2006 dividiu os estudos linguísticos em "Língua Espanhola" e "Estudos de Linguagens". Já a edição de 2008, organizou as pesquisas em "Aspectos sonoros da linguagem e pronúncia", "Léxico e gramática", "Semântica, pragmática e análise da conversa", "Linguística histórica, de corpus e contato linguístico", "Texto e discurso", "Tradução", "Ensino e aprendizagem" e "Políticas linguísticas e formação de professores". Somente para ilustrar mais um exemplo, o congresso de 2010 dividiu os trabalhos submetidos em "Língua Espanhola e ensino de espanhol no Brasil" e "Literatura, cultura e história".

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 – 333 | set/dez 2020

> linguística. Literaturas e educação linguística. Práticas pedagógicas em diferentes espaços educativos. Políticas linguísticas. Formação docente.[15]

Pela descrição anterior, quando lemos "diversas tendências teóricas", percebemos a abertura para pensar o ensino de espanhol por meio de diferentes perspectivas teóricas e a possível aproximação da área com a LA, atentando para o fato de que muitos dos assuntos mencionados na linha de "ensino de línguas" já são trabalhados desde a fundação da ALAB em 26 de junho de 1990.

A seguir, apresentamos um percurso pela evolução da LA e a contribuição da ALAB no andamento das diferentes perspectivas desse campo científico.

2. A Linguística Aplicada e a ALAB

A ALAB surge aproximadamente dez anos antes da ABH com o intuito de repensar o contexto acadêmico e científico dos estudos da LA, ampliando sua presença nos diferentes cenários em que a língua em uso pode ser encontrada. Desde o início dos anos de 1990, foi papel da ALAB romper com discursos que limitavam a LA como área de mera aplicação de teorias linguísticas. Avaliamos que não seja necessário aqui esmiuçar as diferentes concepções da LA no Brasil, tendo em vista várias publicações que já o fizeram recentemente (PAIVA; SILVA; GOMES, 2009; MATOS, 2013), mas propomos breves reflexões de conceitos que direcionam nossa forma de apropriação desse campo científico. Distinta de outras Associações, a ALAB sempre buscou promover:

> [...] o aumento dos incentivos culturais e econômicos aos intercâmbios e pesquisas na área de LA; o intercâmbio de pesquisadores de diferentes subáreas da LA; a intensificação da rede existente entre os estudos na área de LA e demais áreas do conhecimento de forma a ratificar o caráter transdisciplinar da LA; o diálogo com a AILA e outras associações de estudos na área de LA e afins; e políticas de valorização das identidades nacionais e regionais. (NICOLAIDES; TILIO, 2013, p. 289-290)

Pelos princípios apresentados, fica evidente que a ALAB sempre teve como compromisso ampliar o diálogo entre a LA e outros campos do conhecimento, gerar a interlocução entre pesquisadores de distintas áreas e línguas, articular as demandas nacionais da Associação com outras realidades internacionais, promover maior abertura para o planejamento e a aplicação de políticas de ensino e de formação de professores. Com isso, desde sua fundação, a ALAB demonstrou preocupação com questões relativas às desigualdades sociais, políticas, étnicas, culturais e educacionais em suas múltiplas dimensões discursivas.

No decorrer de quinze diretorias da ALAB, observamos que somente entre os anos de 2005 e 2009, portanto, dois biênios consecutivos, a Associação esteve sob a presidência da pesquisadora Maria Luisa Ortiz Álvarez (UnB), única representante do Hispanismo ao longo dessa história. A Associação também não contou com nenhum pesquisador da área de língua espanhola como sócio fundador no momento de sua criação. Esses dados apontam que, apesar da abertura da ALAB para o diálogo com outros grupos e organizações,

[15] Conforme informações de áreas temáticas disponíveis no link <http://www.hispanistas.org.br/congressos-e-jornadas/viii-congresso-brasileiro-de-hispanistas/> (Acesso em: 20 abril 2020), onde também encontramos o detalhamento da linha temática sobre os estudos de literatura e cultura.

poucas interlocuções foram feitas com profissionais e pesquisadores do espanhol, do francês, do italiano, de Libras e das demais línguas. Majoritariamente, a ALAB sempre contou com maior participação e presença entre seus associados de investigadores da área de língua inglesa e portuguesa, cenário reforçado por Paraquett (2020).

Ainda que tenha iniciado sua história tempos depois, o histórico da ABH não demonstrou tentativas de encontros e debates com a ALAB. Esse fato aponta novamente a importância de revisão do trabalho de tais associações em nosso país. Sobre essa necessidade de revisitar seu papel, Bohn (2013, p. 314) teceu considerações sobre a importância da ALAB ao "organizar-se em câmeras de atuação para gerenciar a complexidade que se desenha no horizonte da área". Ou ainda, no que propôs Garcez (2013, p. 85), ao revisitar o papel da ALAB, quando diz que "a Associação ainda está por se estabelecer como um agente coletivo de políticas linguísticas", pois, para o pesquisador, a área ainda precisa estimular mais a participação dos linguistas aplicados no circuito de decisões mediante a criação de um observatório de políticas linguísticas. De acordo com Garcez, muitas ações precisam ser modificadas como a realização de mais seminários, oficinas de interlocução, a mudança do status da ALAB como entidade com direito à indicação de representantes em outras Associações e Sociedades Brasileiras, a importância da profissionalização da gestão e a contratação de secretaria permanente e de assessoria de imprensa, pois tais ausências podem acabar acarretando na imagem de "pequenos grupos de ativistas amadores" (GARCEZ, 2013, p. 90). Muitas das observações e sugestões propostas por Garcez (2013) podem ser vistas, nos recentes anos, sendo colocadas em prática pelas últimas gestões diretivas da Associação, porque, realmente, esse trabalho de orquestração de novas ações demanda tempo e construção coletiva.

Antes de expor mais detalhes sobre o histórico a ALAB, optamos por recuperar dados do início da LA no exterior e sua trajetória no Brasil para pensar possíveis pontos de contato desse campo científico com o Hispanismo.

A década de 1940 pode ser considerada a época de surgimento da LA no mundo a partir da urgência de ensinar línguas para soldados norte-americanos que lutariam na Segunda Guerra Mundial. Disso emerge a necessidade de encontrar métodos eficazes para o desenvolvimento da produção e compreensão oral desses soldados, resultando no surgimento do método audiolingual em 1941. A criação do *English Language Institute* (ELI) na Universidade de Michigan, fundado por Charles Fries, foi mais um fator importante para o início da LA no mundo, porque lá ocorreu o registro do primeiro curso independente de LA (PAIVA; SILVA; GOMES, 2009). Já em 1947, o ELI também publicou o primeiro periódico na área de LA, o *Language Learning: A Journal of Applied Linguistics* (SZUNDY; NICOLAIDES, 2013), contribuindo para as pesquisas sobre o ensino de línguas estrangeiras desde então.

Após isso, outro aspecto significativo foi a fundação em 1964 da *Association Internationale de Linguistique Appliqué* (AILA) e a realização do primeiro congresso na França, porque se constatou a urgência do momento na reunião de pesquisadores para o reconhecimento e a organização política do grupo de especialistas.

No Brasil, alguns autores destacam que o estabelecimento do Instituto de Idiomas *Yázigi* e de seu Centro de Linguística Aplicada, fundado por Francisco Gomes de Mattos na sede de São Paulo em 1966, que também contou com a parceria da Associação Britânica, foi o primeiro registro da LA, porque se buscou o incremento de pesquisas

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 – 333 | set/dez 2020

sobre novas abordagens aplicadas ao ensino de línguas visando fundamentar os manuais didáticos criados por essa franquia de ensino.

Outro momento representativo para o histórico da LA em terras brasileiras foi a cooperação da pesquisadora brasileira Maria Antonieta Alba Celani com o apoio do Conselho Britânico para a abertura do primeiro curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada ao ensino de línguas em 1970 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Já o Doutorado foi aprovado em 1980 e também nessa época deu-se a publicação do primeiro número da *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicados* (D.E.L.T.A). Em 1982 tem-se o início do segundo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do país e o estabelecimento do Departamento no Instituto de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sendo publicada a primeira edição do periódico *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Pode-se afirmar que muitos dos primeiros linguísticas aplicados diplomados no Brasil são oriundos desses dois programas, responsáveis por difundir esse campo nas demais universidades desde sempre (PAIVA; SILVA; GOMES, 2009; SZUNDY; NICOLAIDES, 2013).

Na visão de Almeida Filho (2001), a LA no Brasil também teve seu marco em 1978 por ocasião da realização de um congresso na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), organizado pela pesquisadora Car*men Rosa Caldas-Co*ulthard, que assim como Almeida Filho, também tinha se doutorado no exterior. Na percepção do pesquisador, nesse congresso tivemos o nascimento da LA no Brasil pautada na relação entre o ensino de inglês, as pesquisas de natureza sócio-funcional e a base comunicativa para o ensino de línguas, tendo essas discussões ocupado as plenárias do encontro. Naquele momento, também chegava ao Brasil o livro *The Teaching of Language as Communication (O ensino de línguas para a comunicação*. Trad. Almeida Filho) de Henry Widdowson, orientador de Mestrado de Almeida Filho em 1975 na Escócia e nome de grande reconhecimento no âmbito da abordagem comunicativa.

A partir de 1976, muitas foram as publicações e os nomes que tentaram solidificar o papel da LA como área científica antes da criação de sua Associação. Alguns desses escritos são: *Dez anos de Lingüística Aplicada no Brasil*, de Francisco Gomes de Matos (1976); *Mais dez anos de Lingüística Aplicada no Brasil: 1975/1985*, de Francisco Gomes de Matos (1985); *A propósito da Lingüística Aplicada*, de Marilda C. Cavalcanti (1986); *Lingüística Aplicada, aplicação linguística e ensino de línguas,* de José Carlos Paes de Almeida Filho (1987); *Maneiras de compreender a Lingüística Aplicada,* de José Carlos Paes de Almeida Filho (1991); *Afinal, o que é Lingüística Aplicada*, de Maria Antonieta Alba Celani (1992); *Afinal, o que é Lingüística Aplicada*, de Luiz Paulo da Moita Lopes (1996), entre outros. Foi por meio dessas publicações que a LA foi se definindo, reconfigurando e aproximando linguagem aos demais saberes do campo da sociologia, antropologia, educação, geografia etc. Por causa da singular maturidade alcançada pela área, os estudos em LA nunca tentaram padronizar algum princípio que pudesse ser compartilhado pelas pesquisas, muito pelo contrário, a LA foi se abrindo cada vez mais para a flexibilidade de escolhas teóricas, metodológicas e diálogos com o mundo contemporâneo. Já a questão da nomenclatura desse campo científico sempre foi um aspecto problematizado desde Moita Lopes (2006), quem não conseguiu ver mais pertinência em nomes como *multidisciplinar, transdisciplinar* e *pluridisciplinar* para a área no decorrer do tempo, porque sempre a considerou um objeto de complexa

definição, por isso, para ele os termos in*disciplina, mestiça* e *nômade* soaram mais apropriados aos novos desdobramentos das discussões, visão também associada à leitura de Pennycook (1998, 2006), outro autor que cunhou o conceito de LA crítica e a identificou como *transgressiva* e um campo do conhecimento sempre problematizador e dinâmico, interessado na linguagem em contextos múltiplos. Outra nomenclatura nessa linha de raciocínio é a LA como espaço de "desaprendizagem" (FABRÍCIO, 2006) no intuito de construir pesquisas de intervenção que busquem a desconstrução de crenças arraigadas na academia para lidar com novas demandas do contemporâneo.

A primeira edição do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada[16] (CBLA) ocorreu em 1986 na Unicamp, antes da fundação da Associação. Como qualquer início de encontro científico, esse momento foi importante para a descoberta de pesquisas em desenvolvimento e áreas em ascensão, sendo, deste modo, uma indicação para as transformações e demandas. Esse aspecto foi decisivo e um diferencial no modo como a LA foi se expandindo em nosso país. No Brasil, desde sempre, essa área nunca esteve restrita à aplicação de teorias linguísticas, pois, sempre foi um objeto de natureza multiforme. A presença dos Programas de Pós-Graduação, o início dos colóquios acadêmicos, as agências de fomento e, finalmente, a criação da ALAB concederam à LA um campo de pesquisa bem assentado no Brasil. Segundo Moita Lopes (1996, p. 28):

> [...] os fatos têm demonstrado que as áreas de investigação consideradas como dignas de financiamento são aquelas de grupos de pesquisadores que estão organizados politicamente. A fundação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) em julho de 1990 na Universidade Federal de Pernambuco, é certamente um primeiro passo nesta direção. (MOITA LOPES, 1996, p. 28).

A busca por uma representação política e do trabalho que vinha sendo realizado no âmbito da LA levou ao surgimento da ALAB. O debate foi muito motivado em torno da pergunta "Afinal, o que é a Linguística Aplicada?", que surgiu em eventos de 1990: no Grupo de trabalho de LA da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll) na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no III Simpósio de LA (UFRJ) e no I Intercâmbio de Pesquisa em LA (PUC-SP) (MOITA LOPES, 1996).

A Associação passa a ser responsável por organizar as edições do CBLA a partir do ano de 1992, quando o evento foi realizado na Unicamp. No decorrer de suas edições, os congressos também se destacaram pela participação de muitos congressistas internacionais, tornando-se um importante fórum de discussão capaz de agrupar pesquisadores de diferentes partes do mundo. O maior número de participantes deu-se na IX edição do CBLA, sediada no Rio de Janeiro e após um período de reestruturação da ALAB, compondo um cenário muito heterogêneo pelo conhecimento construído pelos linguistas aplicados daquele momento. Esse protagonismo da pesquisa brasileira no campo da LA propiciou a realização do *18th Word Congress of Applied Linguistics*, promovido pela AILA, na cidade do Rio de Janeiro em 2017, acontecendo pela primeira vez no Brasil e na América Latina (SZUNDY; NICOLAIDES, 2013).

Szundy e Nicolaides (2013) entendem que coube à ALAB, no decorrer de sua trajetória, o papel de articulação do trabalho de pesquisadores da área, de representação

[16] Sobre as temáticas e a produção científica produzida ao longo das edições do CBLA, recomendamos as análises propostas por Szundy e Nicolaides (2013) e Archanjo (2011).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 - 333 | set/dez 2020

política dos linguistas aplicados brasileiros, de divulgação de concepções de LA no contexto nacional e internacional e na elaboração de constantes caminhos epistemológicos e metodológicos. Diferente da concepção de público partícipe entendida pela ABH, a ALAB sempre incluiu docentes, pesquisadores, profissionais liberais, pós-graduandos, estudantes de graduação e demais interessados em LA.

O papel da AILA também foi fundamental na evolução das perspectivas de trabalho da LA brasileira, desde a aplicação de teorias linguísticas, passando pela análise de usos socialmente situados da linguagem e chegando ao debate de temas fronteiriços e transgressivos que demandam novos desafios aos membros dessa comunidade científica. Até hoje, uma das funções da Associação acaba sendo retratar e divulgar a pluralidade de atuação do linguista aplicado que se ocupa do ensino de línguas, da formação de professores e das demais questões do escopo da LA. No entanto, fica uma pergunta: nós hispanistas estamos nesse retrato? Sentimos-nos participantes dessa Associação? Aproveitamos esse questionamento para retomar a provocação de Paraquett (2012) que também chegou a questionar a inexistência de hispanistas em outras fotos resultantes de publicações que tinham como finalidade retratar a LA no Brasil.

A seguir, vamos analisar a situação dos Programas de Pós-Graduação específicos da área dos estudos hispânicos e o pouco (ou nenhum) diálogo com a LA.

3. Ausência da LA nos Programas de Pós–Graduação da área de Espanhol

Cabe aqui comparar temporalmente o percurso da LA com o surgimento dos primeiros Programas de Pós-Graduação específicos da área dos estudos hispânicos[17] com o fim de verificar a existência de algum diálogo entre essas áreas.

Em 1983 foi criado o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRJ em cinco macro áreas, sendo uma delas a de Letras Modernas. Não fica clara, por meio do site institucional, a data exata de abertura do Programa de Letras Neolatinas. Até o ano de 2001, uma das áreas de concentração era nomeada como Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas, já a partir do ano de 2002 devido ao crescimento de cada uma das áreas, ficou decidido por duas grandes áreas no Programa: estudos linguísticos neolatinos (opção língua espanhola, francesa, italiana e línguas e culturas em contato) e literários neolatinos (literaturas hispânicas, de língua francesa, italiana e línguas e culturas em contato). Consta no site que, desde sua fundação, o Programa sempre procurou desenvolver uma perspectiva interdisciplinar de trabalho, mas parece que essa relação seria entre a área dos estudos linguísticos e literários e não necessariamente com outros campos do conhecimento. Na última versão do texto de apresentação para avaliação quadrienal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (Capes), o Programa se apresenta como um centro de referência nacional e internacional para

[17] Para fazer essa breve comparação, recorrermos aos sites institucionais dos primeiros programas, o da UFRJ (http://posneolatinas.letras.ufrj.br/) e o da USP (http://www.prpg.usp.br/index.php/pt-br/faca-pos-na-usp/programas-de-pos-graduacao/184-lingua-espanhola-e-literaturas-espanhola-e-hispano-americana). Os sites em questão apresentam poucas informações sobre a historicidade dos programas, por causa disso foi necessário acessar o *currículo lattes* de alguns professores pioneiros desses Programas. Acesso dos sites em: 24 abril 2020.

a investigação em língua espanhola e menciona entre seus objetivos a preocupação com o desenvolvimento de pesquisas integradas que incorporem teorias e enfoques metodológicos da área de Linguística Aplicada. Essa intenção de aproximação a outros construtos precisa ser ressaltada na realidade de um Programa que sempre procurou se fechar no debate isolado entre as línguas neolatinas, faltando até mesmo articulação entre as três línguas que compõem esse bloco. Ao analisar a oferta de disciplinas no decorrer da história do Programa, percebemos, somente no primeiro semestre de 2020, a proposta de uma matéria que busca a aproximação entre a área de estudos do Hispanismo e a Linguística Aplicada como demostra a ementa a seguir:

Quadro 1: Ementa de disciplina de Pós-Graduação

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS NEILATINAS	
DISCIPLINA: Metodologiam do Ensini de Língua Estrangeira	
Código: LEN 856	
PERÍODO: 2020/1	NÍVEL: ME/DO
Área de Concentração: Estudos Linguísticos Neolatinos	
HORÁRIO: 6ª feira (10h30 às 13h)	
TÍTULO DO CURSO: Linguística Aplicada e os estudos hispânicos	
A Linguística Aplicada e sua história. Contribuições dos pressupostos teóricos-metodológicos da Linguística Aplicada. Os estudos hispânicos e a pesquisa em Linguística Aplicada. Metodologias de pesquisa em Linguística Aplicada. Algumas pautas teóricas da pesquisa em Linguística Aplicada crítica: políticas de ensino de línguas e formação de professores, narrativas e identidades docentes, perspectiva crítica-reflexiva e educação linguística, interculturalidade e estudos decoloniais, raça e sexualidade, encino de línguas para fins específicos e materiais didáticos.	

Fonte: http://www.letras.ufrj.br/pgletras/20201emestasestudoslinguisticos.pdf

Embora não receba o caráter de matéria obrigatória a todos os estudantes do Programa, a ementa anterior[18] representa uma tentativa de aproximação entre a LA e os estudos hispânicos, ilustrando que não podemos pensar certas questões relacionadas ao ensino de espanhol e a formação de (futuros) professores sem dialogar com os diferentes prismas e autores nacionais e internacionais da LA. Além disso, o curso em questão também possibilita que o Programa reflita sobre uma de suas metas e perspectivas futuras, quando diz que pretende "uma reflexão teórico-crítica que leve em consideração a especificidade do campo de ensino-aprendizagem de línguas e literaturas estrangeiras modernas no contexto educacional da realidade brasileira".[19]

Já em relação à trajetória do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada na UFRJ, infere-se que inicia suas atividades no ano de 1987 com foco em pesquisas sobre ensino e aprendizagem de línguas, porém, tempos depois, pela compreensão da LA como área de pesquisa interdisciplinar, ele passa a estar atento às transformações das práticas e produções sociais e discursivas contemporâneas, não se restringindo ao ambiente escolar. Diante disso, o Programa assume como premissa a compreensão da

18 Outra questão que explica essa atualização do ementário do Programa é o credenciamento de dois docentes filiados à Linguística Aplicada no final do segundo semestre de 2019. Isso naturalmente provocará uma mudança no direcionamento dos cursos e no perfil das pesquisas dos futuros egressos.

19 http://posneolatinas.letras.ufrj.br/index.php/o-programa-2/o-programa-ppglen/ Acesso em: 23 abril 2020.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 - 333 | set/dez 2020

vida social contemporânea e dos usos da linguagem imbricados quando diz: "ao investir no potencial de cruzamentos e transbordamentos teórico-metodológicos e propiciar a produção de trabalhos referentes a múltiplos universos discursivos.[20]" Nos dados pesquisados nos sites institucionais dos dois Programas da UFRJ, não foi possível identificar ações que os aproximassem no decorrer de suas histórias, como por exemplo, disciplinas compartilhadas, coorientações, parcerias de publicação entre o corpo docente etc., o que demonstra um longo caminho a ser percorrido.

Sobre o Programa de Pós-Graduação de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana da USP, segundo informações de sua página institucional[21], foi iniciado o curso de Mestrado em 1978 com maior ênfase nos estudos de literaturas de língua espanhola[22] implicando na mudança de nome do curso para dar maior visibilidade para as literaturas de língua espanhola. A habilitação para a oferta do Doutorado ocorre em 1984. Já o início das atividades com a língua espanhola na Pós-Graduação data de 1998, quando ocorre a inserção de docentes de língua diplomados em Linguística[23]. O primeiro egresso do curso ocorre em 2001, momento em que se tem o credenciamento para vagas no curso de doutorado. Portanto, a história da Pós-Graduação na área de língua espanhola na USP é bastante recente e seu início esteve vinculado a uma maior ênfase em teorias linguísticas e análise de algum *corpus* linguístico do espanhol. Isso fica evidente ao analisar a relação de dissertações[24] e teses finalizadas desde o começo do Programa. A primeira dissertação em língua espanhola defendida tem como recorte teórico a análise contrastiva e empregou cartas comerciais em espanhol e português. As seguintes problematizaram o uso de adjetivos, os verbos de mudança e a subjetividade do sujeito, a conversação e a escrita, o contato linguístico, os pronomes clíticos etc. As duas primeiras teses[25] defendidas no Programa são de 2006, uma sobre a competência tradutora em espanhol e a outra sobre a compreensão e produção do espanhol por adultos brasileiros. Como não tivemos acesso aos resumos dos trabalhos, não foi possível verificar uma aproximação ou distanciamento à LA. Todavia, é plausível constatar que são poucos os estudos dos egressos que de alguma forma consideram os contextos de ensino e aprendizagem. Como acabam sendo pesquisas mais teóricas e de exploração de algum *corpus* linguístico, não é possível relacionar as linhas de pesquisa dos orientadores aos tópicos de interesse da LA, o que constata nossa hipótese de afastamento do Programa, seus docentes e corpo discente das linhas de pensamento da LA. Não queremos com isso emitir um juízo que essa escolha esteja errada, somente tentar depreender razões que levaram a uma separação entre os estudos hispânicos e a LA.

A opção por ter feito uma concisa análise de conteúdo da página institucional dos Programas de Pós-Graduação anteriores deve-se, primeiro, ao fato de serem os únicos

20 http: //www.poslaplicada.letras.ufrj.br/pt/o-programa Acesso em: 23 abril 2020. Outras informações sobre o Programa e suas linhas de pesquisa podem ser acessadas nesse link.

21 http: //dlm.fflch.usp.br/historico Acesso em: 24 abril 2020.

22 Conforme Paraquett (2020, p. 20), nessa época "ainda eram quase inexistentes programas de pós-graduação que dessem atenção aos estudos linguísticos e de linguística aplicada em espanhol".

23 A tese de doutorado da professora Doutora Neide Maia González (defendida em 1997 no Programa de Pós-Graduação em Linguística da USP) é considerada a primeira tese em estudos linguísticos no Brasil a inserir um corpus de análise do espanhol (PARAQUETT, 2020).

24 http: //dlm.fflch.usp.br/espanhol/637 Acesso em: 24 abril 2020.

25 http: //dlm.fflch.usp.br/espanhol/94 Acesso em: 24 abril 2020.

e específicos em língua espanhola no país, disso a curiosidade de constatar ou não uma aproximação à LA[26]. Segundo, que ao comprovar a ausência desse debate pelas linhas de pesquisa ou títulos dos trabalhos defendidos ou, no caso da UFRJ, do começo de um deslocamento para essa questão, podemos supor que os trabalhos que buscam essa afinidade entre LA e ensino de espanhol são defendidos em Programas como Estudos da Linguagem, Linguística Aplicada e Educação. Tradicionalmente, os cursos de licenciatura em Letras/Espanhol, inclusive antes da reforma curricular de 2015 (BRASIL, 2015), quase nunca dispuseram de uma cadeira para a LA. Em alguns cursos, sempre ocorreu uma omissão dessa discussão, em outros casos o assunto é tratado como um dos tópicos das ementas de disciplinas como Didática do ensino de espanhol ou Metodologia do ensino de línguas. Essa constatação, ademais de sinalizar a falta de aproximação entre as áreas, também demonstra a ausência de professores formadores de espanhol que assumam essa epistemologia científica e como linha de trabalho. Se existe essa lacuna na Graduação, muitos itinerários precisam ser trilhados na Pós-graduação. A discussão do fazer científico da LA não pode ser privilégio de poucos professores em nosso país que acessam aos cursos de formação continuada, seja *lato* ou *strictu senso*, pois, conforme Silva Júnior e Eres Fernández (2019, p. 187):

> [...] a atividade do docente de LE [língua estrangeira] é totalmente atribuída de sentidos políticos. Todas as ações que o professor leva para a sala de aula são tomadas a partir de uma reflexão que é política. A todo o momento que o docente se expressa em sala, ele parte de ideias planejadas visando o bem-estar e uma melhor qualidade do ensino para seus alunos, constituindo uma prática pedagógica como ato político.

O pensamento dos autores nos leva a questionar a ausência da LA nos cursos de formação de professores e a necessidade de nossa participação nas políticas educacionais e nas decisões que levamos para as salas de aula. Pela urgência da revisão de políticas de ensino de línguas em nosso país e a premência de construção de uma postura engajada para os (futuros) educadores linguísticos, o estudante de Letras/ Espanhol e das demais línguas, que não construíram um sólido diálogo com a LA no seu processo histórico, precisam incorporar diálogos para pensar a linguagem e as demandas da vida contemporânea. Apesar disso, estamos trilhando um caminho na LA no Brasil. Vejamos na próxima seção esses avanços.

4. Avanços na pesquisa em LA e Hispanismo no Brasil

Em levantamento recente dos Programas de Pós-Graduação em LA no Brasil, Carvalho (2019) apontou que, atualmente, são seis os programas[27] específicos, sendo que no intervalo entre 2016 e 2018, recorte temporal justificado em seu estudo, tivemos trinta produções, nove teses e vinte e uma dissertações que foram encontradas

[26] Decorrente disso surge a necessidade de expansão da análise documental e bibliográfica em estudos futuros a partir da produção científica egressa de Programas de Pós-Graduação da área de Letras, Estudos da Linguagem e Educação, já que a maior presença de pesquisas envolvendo LA e a área de espanhol parece ocorrer nesses espaços de interlocução.

[27] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Universidade de Taubaté (Unitau). A pesquisadora não incluiu o Programa Interdisciplinar de LA da UFRJ no levantamento dos seus dados.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 - 333 | set/dez 2020

após buscas nos repositórios digitais dos respectivos programas ao empregar as palavras chave *linguística aplicada* e *espanhol*. O maior número de estudos defendidos é oriundo de universidades públicas: sete na UFMG, sete na UnB, cinco na Unisinos, quatro na Unicamp, quatro na UECE e três na PUC-SP em estudos que versaram sobre práticas e discursos dos docentes e estudos documentais sobre materiais didáticos ou obras literárias (CARVALHO, 2019). Nenhuma pesquisa foi constatada na Unitau de acordo com os critérios estabelecidos pela pesquisadora. A tese de Carvalho (2019) e todos os demais trabalhos concluídos, possivelmente no decorrer de 2019, notificam o crescimento da relação entre LA e espanhol. A ampliação de trabalhos[28] defendidos nos últimos anos soma-se aos demais apresentados em Programas de Estudos da Linguagem e outros na área de Letras ou Educação.

Porém, a realidade nem sempre foi assim, pois faltou visibilidade e esforço nas pesquisas que tentaram promover essa aproximação. Paraquett (2009) foi uma das primeiras pesquisadoras hispanistas em LA do Brasil a reivindicar por meio de suas publicações um lugar mais próximo para os professores de espanhol em comparação a professores e pesquisadores de outras línguas estrangeiras no país, em particular do inglês. Por meio de um levantamento bibliográfico até o ano de 2008 da *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* (RBLA), iniciada em 2001, das catorze edições e total de 130 artigos dos mais variados temas, somente três são destinados ao espanhol e sessenta ao inglês. Já os demais são da área de português língua materna ou estrangeira e outros temas de interesse dos cientistas da área (PARAQUETT, 2009, 2012). Tal constatação fez com que a pesquisadora se indagasse quais foram os motivos que levaram a esse apagamento dos estudiosos de espanhol na principal revista de LA no Brasil. Sobre essa interrogação, estamos, desde o início do artigo, tentando provocar um debate e uma compreensão do problema que encontra respaldo na análise de Paraquett, porque, segundo ela, só é possível tecer algumas considerações a respeito do tema se analisamos a história do ensino de espanhol em nosso país e a comparamos ao vivenciado pela língua inglesa. Em artigo recente, a pesquisadora constata que entre 2010 e 2020, o Hispanismo brasileiro "se abre à produção de materiais didáticos, amplifica seus interesses de pesquisa, abrindo-se aos estudos de linguagem, à linguística aplicada e às políticas linguísticas, além de começar a circular, ainda que timidamente, pelo Brasil afora" (PARAQUETT, 2020, p. 25). Com isso, a autora destaca a importância da quarta onda geracional do Hispanismo, sua chegada aos diferentes espaços geográficos e a pluralidade do local de falas e olhares no debate atual da ABH.

Soto (2004), em levantamento anterior, contribuiu para que pudéssemos enxergar a produção científica no âmbito da Pós-graduação em estudos da linguagem em espanhol entre o período de 1967 (data da primeira tese produzida no Brasil) e 2003, constatando um cenário desequilibrado entre os estudos de língua e literatura. Em relação às pesquisas de linguagem, o predomínio foi de estudos de descrição apoiados em teorias linguísticas. De acordo com Paraquett (2012, p. 234), haveria maneiras mais contextualizadas e implicadas de atuação por parte dos pesquisadores na escolha de seus temas, porque, segundo ela,

[28] Não é objetivo aqui realizar um detalhamento dos estudos existentes que promovam a relação LA e espanhol, nem expor o número exato de pesquisas, o que seria algo complexo devido à quantidade de dados dispersos.

> [...] a descrição da língua espanhola, fora do contraste com o português, ou fora do contexto de aprendizagem, não é a forma como mais podemos colaborar como pesquisadores brasileiros [...] Afinal, se somos especialistas em espanhol como língua estrangeira, podemos contribuir com pesquisas que a expliquem como sendo outra língua, que não é materna e nem é uma segunda língua.

Na afirmação anterior, notamos claramente o posicionamento da pesquisadora enquanto linguista aplicada brasileira que entende a LA como ciência aplicada e interdisciplinar, preocupada com os problemas de uso da linguagem e responsável por colaborar para o comprometimento e autonomia de estudantes e professores. Esse tipo de pesquisa de intervenção colaboraria para o distanciamento de práticas que engrandecem até hoje abordagens estrangeiras e em nada podem contribuir para as políticas públicas brasileiras (CELANI, 2000).

A ausência da LA como indisciplina (MOITA LOPES, 2006) e sua articulação com os estudos em língua espanhola também foi identificada por Matos (2013, p. 3) ao verificar pesquisas que tratavam da LA na Espanha por meio de teses de estudiosas brasileiras. Segundo ela,

> [...] naquele país ainda há uma preocupação muito grande em questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, notadamente no espanhol como língua estrangeira, focalizada unicamente no aspecto didático, ainda que haja estudos preocupados com estratégias e recursos recentes de uso global.

A constatação levantada por Matos (2013) aponta a ênfase dos estudos na preocupação didática. Isso pode ser devido ao alto capital investido pelas empresas espanholas do mercado editorial. Além disso, a produção de pesquisas em estratégias de ensino não deixa de ser uma alternativa para a manutenção da língua espanhola ao lado da crescente presença do inglês como única língua da globalização. Com isso, constatamos que o aspecto financeiro na Espanha pode interferir na expansão da LA como área crítica naquele país, pois os estudos estão preocupados com um retorno para o crescimento do próprio mercado e, infelizmente, pouco se preocupam com os problemas da vida em sociedade. Não pretendemos aqui retomar a trajetória do ensino do espanhol no Brasil para comprovar a suposição apontada por Paraquett a respeito da pouca representatividade do espanhol na pesquisa em LA, porque já temos autores que o fizeram (MATOS, 2013; SILVA JÚNIOR; SANTOS; ROCHA, 2016). Por outro lado, na Introdução deste artigo, acabamos elencando aspectos da formação inicial dos cursos de Letras/Espanhol sobre a reduzida preocupação em oferecer uma formação que se distanciasse de enxergar a sala de aula como lugar de enfrentamento de questões sociais pela linguagem, já que o foco da formação dos cursos de licenciatura em Espanhol acabou sendo as últimas novidades metodológicas procedentes da Espanha como imagem de único centro formador no decorrer de muitos anos. Além disso, Paraquett (2009, p. 127) também destacou o envolvimento do professor de espanhol com questões políticas decorrentes da ausência de oferta mais efetiva e de manutenção da língua na Educação Básica. Segundo ela,

> [...] enquanto nos preocupávamos com nossas questões internas (as leis e as associações), nos afastávamos dos movimentos paralelos que aconteciam no Brasil, em particular, na área da LA [...] Nós, os de espanhol, estávamos preocupados em ocupar os pequenos espaços públicos, ao mesmo tempo em que vivíamos a ilusão de

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 – 333 | set/dez 2020

> que o Acordo do MERCOSUL nos garantiria alguns benefícios que recém começavam a nos chegar. Paralelamente, o modelo de aprendizagem que se utilizava nas aulas de espanhol era puramente gramatical ou estruturalista. Ainda não se falava em comunicativismo.

Não queremos dizer que o envolvimento do professor com questões que circundam a política linguística de seu país não seja importante, muito pelo contrário, o problema foi que isso acabou ocupando o tempo dos profissionais da área que se afastaram da produção científica que surgia, principalmente, para o ensino de língua inglesa e pensada para incorporar os novos desafios do trabalho docente e de dar voz aos estudantes e professores. A citação de Paraquett (2009) questiona a época em torno aos anos de 1978, possível marco de abertura de discussões da LA em nosso país, por isso, aponta que os hispanistas desconheciam os estudos sobre tal abordagem e, no decorrer de seu texto, indaga se em algum momento tal compreensão foi produtiva, sendo que esse modelo de aprendizagem começou a aparecer nas primeiras coleções didáticas de espanhol no Brasil em torno da década de 1990. Diante de uma memória com a língua espanhola na educação básica e superior de natureza predominantemente estruturalista e gramatical, a abordagem comunicativa permanece com muitos adeptos até hoje em algumas práticas, no entanto, seus princípios não atendem na contemporaneidade ao que se espera para dar conta das necessidades sociais de nossos aprendizes.

Como forma de complementar os dados documentados por Soto (2004), Paraquett (2012) realiza uma verificação na biblioteca de Teses e Dissertações de estudos envolvendo a palavra *espanhol* no período entre 2004 e início de 2011 com o propósito de encontrar temáticas mais contínuas. Sua sondagem recolheu noventa e quatro trabalhos de Programas de Pós-Graduação variados de nosso país, sinalizando um destaque para as investigações sobre o contraste entre o português e o espanhol e temas até então ausentes (ensino de leitura, gêneros textuais, questões culturais/ interculturais, políticas linguísticas, espanhol para fins específicos, material didático, formação do professor, discurso). Já em menor número, a autora salienta estudos sobre dicionários, novas tecnologias, crenças, tradução, avaliação e afetividade. Esse quadro não sublinha nosso progresso na presença da LA nos distintos Programas de Pós-Graduação e estudos, mas denota um despertar para a mudança e a linguagem compreendida em constante movimento. Ainda que não tenhamos dados recentes sobre a produção dos últimos anos das pesquisas em espanhol, somente o levantamento de Carvalho (2019), estamos de acordo com Paraquett (2012, 2020) em relação ao despertar das pesquisas, à abertura para novas pautas mais sociais, culturais e históricas e aptidão para trazer à tona vivências sobre o ensino de espanhol para brasileiros e por brasileiros.[29]

Ao pensar nos próximos desafios para a área de espanhol, acreditamos que devemos nos inspirar na concepção de Kleiman (2013). Ela, a partir da definição de LA de Moita Lopes (2006), defende que os próximos passos da área devam propiciar uma virada epistemológica e do modo de olhar para os temas e as questões ao nosso redor mediante a valorização das "vozes do Sul". Para Kleiman (2013, p. 40) é urgente

[29] Paraquett (2020, p. 21) defende a adoção de Hispanismo "no Brasil", porque, segundo ela, "não somos dono(a)s do hispanismo no Brasil, até porque é rico demais compartilhar experiências com os estrangeiro(a)s, mas é aqui que o hispanismo se realiza, por isso as leis e as referências precisam ter o carimbo nacional brasileiro".

> a elaboração de um programa de pesquisa, flexivelmente estruturado, de modo a contemplar todo o trabalho crítico da área, é um passo essencial na elaboração de uma agenda de pesquisa, ação e intervenção que outorgue maior visibilidade e credibilidade a nossa área, abrindo espaço, talvez, para uma participação efetiva na mudança de estruturas elitistas e arcaicas (como, por exemplo, os currículos na universidade). Venho trazer outras vozes latino-americanas, a fim de 'sulear' (orientar para o Sul) o debate e questionar a hegemonia ocidental do Norte, ainda imperante na definição dos nossos problemas de pesquisa.

A pesquisadora deseja fomentar uma concepção de LA que rompa os monopólios dos saberes canônicos e adote uma postura metodológica plural e interventiva, buscando certa autonomia da epistemologia ocidental do Norte com a finalidade de valorizar os pesquisadores da América hispano-falante e do Brasil nos estudos. O Sul referido por Moita Lopes e Kleiman não se refere à concepção geográfica, mas sim as noções de centro e periferia que acabam por reduzir a epistemologia do Sul, seus temas e suas pesquisas ao anonimato. Ao criticar o currículo das universidades, Kleiman (2013) apresenta o atraso nas discussões sobre os conhecimentos decoloniais na formação inicial e continuada, tendo em vista que a academia sempre valorizou as histórias eurocêntricas e norte-americanas em detrimento de outras vozes. Por isso, ela defende a necessidade de descolonizar as formas de produzir conhecimento por meio da LA e o faz a partir de autores latino-americanos (sociólogos, filósofos, teóricos culturais etc), que podem permitir maior acesso ao saber por parte dos grupos não hegemônicos, aqueles localizados à margem dos grandes centros de produção do pensamento, e também a efetiva construção de uma epistemologia do Sul.

A agenda de pesquisa da LA com os olhos do Sul e para o Sul não pretende "necessariamente inventar novas metodologias e teorias" (KLEIMAN, 2013, p. 50), nem que seu pensamento seja entendido como "uma apologia por uma LA autóctone, brasileira, ou do hemisfério Sul, que defende a reinvenção de princípios metodológicos ou de conceitos já desenvolvidos na pesquisa ocidental dos países do Norte" (KLEIMAN, 2013, p. 44), porém sim, que seu ponto de vista seja compreendido como a defesa pela inclusão de conceitos contra-hegemônicos para pensar as pesquisas com os sujeitos que eram considerados periféricos. Espera-se um movimento de linguistas aplicados críticos brasileiros abrindo espaço para novos paradigmas e, inclusive, uma reavaliação da origem das referências teóricas adotadas.

Outros autores hispanistas com quem compartilhamos semelhante visão de LA são Silva Júnior e Matos (2019, p. 105), quando a definem como aquela que busca conceber "o sujeito social como ponto crucial em suas investigações, um sujeito que está circundado por questões políticas, sociais, históricas, éticas e de poder, o qual, por meio da linguagem, pode se (re)(des)construir mediante uma educação linguística decolonial."

Na visão dos pesquisadores, a chamada LA *suleada* representa o avanço da área ao expandir seu espectro de atuação e incluir diferentes discursos e questões do mundo real que ultrapassam o contexto escolar. Todavia, em nossa atuação com a língua espanhola, abrir o espaço da pesquisa para o reconhecimento também das causas latino-americanas e o diálogo com tais arcabouços epistemológicos é sem sombra de dúvidas um dos percursos mais positivos para formas novas de tratar temáticas e sujeitos ainda omitidos nas pesquisas em espanhol.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 – 333 | set/dez 2020

Como seguir avançando?

Pelo exposto até aqui, percebemos que o desafio de aproximar a LA e o Hispanismo ainda existe, mas essa interlocução já é efetiva e se materializa em algumas universidades e centros de pesquisa. Nossa produção científica ainda não se compara quantitativamente à dos colegas pesquisadores de língua inglesa, porém acreditamos que já avançamos. O cenário analisado, aproximadamente, dez anos atrás por Paraquett (2009, p. 129) a levava a constatar que:

> [...] contribuímos pouco para a produção científica na área de ensino de línguas, principalmente se nos comparamos aos nossos companheiros de inglês. Tenho a impressão de que falamos para nós mesmos, em grupos fechados, sérios e competentes certamente, mas fechados em nossas discussões. E esta é uma das questões que precisamos discutir para sair do lugar onde nos encontramos hoje e estabelecer o necessário diálogo com as diferentes línguas que se ensinam e aprendem no Brasil.

Retomar seu pensamento é importante para traçar novas rotas e desafios para os linguistas aplicados de língua espanhola, porque precisamos romper alguns limites e nos expor em congressos e em revistas e livros que o foco não se limite ao ensino de espanhol. De acordo com Silva Júnior e Eres Fernández (2019, p. 204), ao analisarem o cenário da área de espanhol após sua retirada do currículo da Educação Básica e implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

> O momento vigente é bastante propício para aumentar a massa crítica da área de pesquisa dos estudos hispânicos pelo viés da Linguística Aplicada e da Educação, ainda mais quando temos um cenário com várias incongruências e ausência de clareza dos próximos passos no âmbito educacional.

Embora estejamos vivendo novamente um cenário de crise no âmbito educacional, após a aprovação da Lei nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017), os pesquisadores estão otimistas para a área diante do cenário de incertezas[30]. Apesar de o avanço do número de estudos em espanhol que adotam a LA como condutor teórico também constatado por Carvalho (2019), pode-se cair no perigo de o debate limitar-se aos colegas dentro de nossa própria área. Portanto, faz-se primordial investir na abertura da ABH para o diálogo com pesquisadores que se dedicam ao estudo de outras línguas, proposta já vislumbrada por Paraquett (2009). Além disso, cabe gastar fôlego na urgência de maior abertura da ABH para o educador linguístico da Educação Básica, porque o entendimento do fazer científico deve permear o cotidiano de todo o docente e não só daquele que está vinculado a um programa de Pós-Graduação. A manutenção dessa mentalidade em nada ajudará a expansão da relação entre LA e o Hispanismo.

[30] O cenário de crise no ensino de espanhol, após a publicação da reforma do ensino médio (BRASIL, 2017) também precisa ser bem acompanhado em publicações futuras da área, bem como o impacto dessa retirada no âmbito da Pós-Graduação. Ainda que seja fundamental a continuidade das pesquisas, conforme registraram Silva Júnior e Eres Fernández (2019), acompanhamos com surpresa a notícia de que a seleção ao curso de Mestrado (edital 2020) do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (estudos linguísticos do espanhol) da UFRJ não recebeu nenhuma inscrição, agravando essa situação ao fato de que a entrada de estudantes é anual. O curso de Doutorado recebeu somente uma única inscrição. Essa não procura pelo curso de Mestrado em questão e a ociosidade de oito vagas podem querer denunciar muitas circunstâncias se compararmos a lista dos vinte e três aprovados no Mestrado do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada no mesmo ano. Informações obtidas por meio do site: http: // www.letras.ufrj.br/pgletras/examedeselecao20201.html Acesso em: 26 abril 2020.

Já por parte da ALAB, história que vem sendo construída há trinta anos, parece ocorrer uma maior rede de diálogos e interlocuções no trabalho das últimas diretorias e nos congressos, ampliando também a cada ano o número de comunicações orais e conferencistas problematizando questões da área do espanhol[31]. A LA do Brasil precisa promover mais laços com a América Latina conforme sugeriu Kleiman (2013), pois ainda conhecemos pouco o que vem sendo desenvolvido sobre ensino de espanhol nos países vizinhos. Por outro lado, acreditamos que a realização do congresso internacional promovido pela AILA no Rio de Janeiro, que reuniu cerca de 2000 participantes de cinco continentes (FINARDI; ALMEIDA; AMORIM, 2019) possa reforçar ainda mais a urgência de colaboração entre a comunidade de linguistas aplicados da América Latina. Outro cenário positivo para essa difusão de pesquisas acaba sendo o Congresso Latino-Americano de professores de línguas (CLAFPL), organizado pelo grupo de trabalho "Formação de Educadores na Linguística Aplicada", filiado à Anpoll. Conforme Carvalho e Soares (2020), esse evento tem se firmado como espaço de interlocução de pesquisas sobre formação de educadores linguísticos da América Latina, incorporando novos estudos e interessados a cada edição.

A diretoria vigente (2020-2021) da ALAB tem promovido ações que possibilitam criar junto ao Hispanismo uma acolhida e maior identificação por parte desse público. Como exemplo, vale registrar a ocorrência de maior interatividade entre seus associados, como conversas virtuais por meio das redes sociais *Instagram* e *YouTube* com pesquisadores de espanhol e outras línguas e a divulgação de pesquisas em ensino e aprendizagem de espanhol na biblioteca digital da página da Associação. Talvez a publicação de números temáticos da revista com ênfase na relação entre LA e espanhol possa ser um motor no desdobramento de novas formas de enxergar as práticas escolares e formativas e de construção de epistemologias para o futuro dos estudos linguísticos no Hispanismo do Brasil. Para isso, precisamos uma maior inserção e aceitação da LA por pesquisadores do espanhol[32] e a ressignificação do trabalho de sua Associação para os anos vindouros pode ser um amplo passo no desenho de novos estudos e de retratos em que possamos estar mais incluídos.

31 Como exemplo, podemos destacar a participação do professor Doutor Elias Ribeiro da Silva (UNIFAL) com o tema "A política linguística brasileira para as línguas estrangeiras na atualidade: o lugar do espanhol", em um simpósio de convidados coordenado pela professora Doutora Telma Gimenez (UEL) no 12º CBLA (2019). Nessa edição do congresso, de um total de 315 comunicações inscritas, identificamos a ocorrência de vinte comunicações orais de pesquisadores da área de ensino de espanhol e mais sete trabalhos que mencionaram a língua em estudos sobre contatos linguísticos e educação bilíngue. Essas informações foram extraídas após leitura e análise do caderno de resumos do evento (FINARDI; ALMEIDA; AMORIM, 2019). O 11º CBLA (2015) reuniu somente dezessete comunicações com tema focado na área de investigação de espanhol. Outro exemplo dessa interlocução está na 10ª edição (2013) com a participação do professor Doutor Xoán Carlos Lagares (UFF) como um dos conferencistas do congresso com a palestra "Ensino do espanhol no Brasil: uma (complexa) questão de política linguística". Informações disponíveis na página da Associação: <http://alab.org.br/cblas-anteriores>. Acesso em: 15 set. 2020.

32 Esse aspecto já vem ocorrendo na área do espanhol nos últimos anos, tendo em vista a maior qualificação e renovação do quadro docente das universidades públicas e dos Institutos Federais. Aliado a isso também um maior investimento nesses centros de formação.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 310 - 333 | set/dez 2020

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. O Ensino de Línguas no Brasil de 1978. E Agora? **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**. v. 1, n. 1, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, pp. 15-29, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982001000100002&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 20 mar. 2020.

ARCHANJO, R. Linguística Aplicada: uma identidade construída nos CBLA. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v.11, n. 3, pp. 609-632, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982011000300002&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 30 mar.2020.

BARRETO, T.A. Os formadores de professores de espanhol: reflexões sobre seu trabalho e os cursos de Letras. In: GOMES, M.F.; ____. (Orgs.). **Pesquisas e vivências em formação docente**. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, pp. 117-140.

BOHN, H.I. Posfácio. In: NICOLAIDES, C.S.; TILIO, R.C. Políticas de ensino e aprendizagem de línguas adicionais no contexto brasileiro: o caminho trilhado pela ALAB. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K.; TILIO, R.; ROCHA, C. H. (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, pp. 307-317.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho de 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União. Brasília, 17 de fevereiro de 2017. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm Acesso em 30 mar. 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 2/2015, de 1º de julho de 2015**. 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file Acesso em 30 fev. 2020.

CARDOSO, J. S. Associações de professores e atuais políticas linguísticas para o ensino de línguas adicionais: estratégias e desafios. In: GULLO, A.; BALGA, L.C. (Orgs.). **Políticas linguísticas e ensino de LE no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017, p. 19-38.

CARVALHO, F.P. *I***nternacionalização e aprendizado de espanhol:** experiências, identidades e subjetividades de estudantes da UFMG. 2019. 218f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Doutorado em Estudos Linguísticos: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CARVALHO, A.M.; SOARES, M.B.R. A representatividade dos Institutos Federais no VII Congresso Latino-americano de formação de professores de línguas. **Revista Leia**

Escola, Campina Grande, v. 20, n. 2, pp. 220-236, 2020. Disponível em: http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/1812 Acesso em 08 ago. 2020.

CELANI, M.A.A. A relevância da Lingüística Aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, L. M. B. (Orgs.). **Aspectos da Lingüística Aplicada.** Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000, pp. 17-32.

DEMO, P. **Cidadania pequena:** fragilidades e desafios do associativismo no Brasil. Campinas: Autores associados, 2008.

ERES FERNÁNDEZ, G.M. Gretel María Eres Fernández. In: SILVA, K.A.; ARAGÃO, R.C. (Orgs.). **Conversas com formadores de professores de línguas:** avanços e desafios. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, pp. 131-144.

FABRICIO, B.F. Linguística Aplicada como espaço de 'desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *P***or uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, pp. 45-65.

FINARDI, K.R.; ALMEIDA, C.S.; AMORIM, G.B. (Orgs.). **Caderno de resumos do 12º CBLA:** transitando e transpondo (n)a Linguística Aplicada. Vitória: UFES, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2019.

GARCEZ, P.M. Observatório de políticas linguísticas no Brasil: metas para a Linguística Aplicada. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K.; TILIO, R.; ROCHA, C. H. (org.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, pp. 79-92.

KLEIMAN, A. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente - Festschrift** para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013, pp. 39-58.

MATOS, D.C.V.S. A linguística aplicada no Brasil e as pesquisas em língua espanhola. **Revista Inventário**. Salvador: UFBA, 12ª ed, jan-julho, p. 11-11, 2013. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/inventario/article/view/17610/11449 Acesso em: 25 abril 2020.

MOITA LOPES, L.P. da (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L.P. **Oficina de Lingüística Aplicada:** a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PAIVA, V.L.M.O.; SILVA, M.M; GOMES, I.F. Sessenta anos de Lingüística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. **Linguística Aplicada:** um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 25-50.

NICOLAIDES, C.S.; TILIO, R.C. Políticas de ensino e aprendizagem de línguas adicionais no contexto brasileiro: o caminho trilhado pela ALAB. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K.; TILIO, R.; ROCHA, C. H. (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, pp. 285-305.

PARAQUETT, M. As quatro ondas do hispanismo no Brasil. **Revista Abehache**. São Paulo: ABH, n. 17, pp. 11-27, 2020. Disponível em: https://revistaabehache.com/ojs/index.php/abehache/article/view/347/263 Acesso em: 22 set. 2020.

PARAQUETT, M.. A língua espanhola e a linguística Aplicada no Brasil. **Revista Abehache**. São Paulo: ABH, v. 1, n. 2, p. 225-239, 2012. Disponível em: http://www.hispanistas.org.br/arquivos/revistas/sumario/revista2/225-239.pdf Acesso em: 26 abril 2020.

PARAQUETT, M.. O papel que cumprimos os professores de espanhol como língua estrangeira (E/LE) no Brasil. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê – Diálogos Interamericanos. Instituto de Letras da UFF, n. 38, Niterói/RJ, pp. 123-138, 2009.

PENNYCOOK, A. Uma Lingüística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L.P. da (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, pp. 67-84.

PENNYCOOK, A. A Lingüística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Orgs.). **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado das Letras, 1998, pp. 23-49.

SILVA JÚNIOR, A.C.; MATOS, D.C.V.S. Linguística Aplicada e o SULear: práticas decoloniais na educação linguística em espanhol. **Revista Interdisciplinar Sulear**, v. Ano 2, pp. 101-116, 2019.

SILVA JÚNIOR, A.F.; ERES FERNÁNDEZ, G. Ausência da língua espanhola na Base Nacional Comum Curricular: Quais implicações esperar? In: GERHARDT, A.F.L.M.; AMORIM, M. A. (Orgs.). **A BNCC e o ensino de línguas e literaturas.** Campinas, SP: Pontes, 2019, pp. 181-208.

SILVA JÚNIOR, A.F.; SANTOS, R.C; ROCHA, M.S.F. Formação de professores e ensino de línguas estrangeiras no currículo da escola e universidade. In: SILVA JÚNIOR, A.F.; SANTOS, R.C. (Orgs.). **Retratos de cursos de licenciatura em Letras/Português-Espanho***l*. Curitiba: Appris, 2016, pp. 25-38.

SOTO, U. **Strictu Sensu:** regularidades e dispersão na pesquisa em língua espanhola. In: PARAQUETT, M.; TROUCHE, A. (Orgs). **Formas & Linguagens**. Tecendo o Hispanismo no Brasil. Rio de Janeiro: CCLS, 2004, pp. 155-178.

SZUNDY, P.T.C.; NICOLAIDES, C.S. A "ensinagem" de línguas no Brasil sob a perspectiva da Linguística Aplicada: um paralelo com a história da ALAB. In: GERHARDT, A.F.L.M.; AMORIM, M.A.; CARVALHO, A.M. (Orgs.). **Linguística Aplicada e ensino:** língua e literatura. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, pp. 15- 46.

Recebido em 30/04/2020
Aceito em 06/10/2020